

CERCANDO A ETNOMETODOLOGIA E ME ACERCANDO DA ETNOMETODOLOGIA: UM “BILLAN-DE-SAVOIR”¹

*tJ Professora da
FACED/UFBa*

Eu não tenho dúvidas de concordar com a abordagem etnometodológica em relação ao fato de que fazemos continuamente, todos os dias, para viver, "sociologia profana". Essa atividade profana consiste em uma reflexão ativa de cada um de nós sobre nossas atividades em relação com as dos outros 'membros dos diversos grupos sociais dos quais fazemos parte. A "realização" (accomplishment) permanente dessa ação gera o desenvolvimento contínuo de descrições (accounts) por esses membros que constroem, desconstroem a realidade social em um processo permanente de bricolagem.

Mas, afinal, o que é etnometodologia? Com esta interrogação GARFINKEL(1984) inicia o capítulo 1 de seu "Studies in Ethnomethodology". Essa mesma interrogação constantemente foi feita pelos membros do grupo que se reuniu em torno da temática "Etnometodologia e Educação" na disciplina Teoria e Prática de Pesquisa, do Programa

de Mestrado e Doutorado em Educação da FAGED/UFBA., em 1994, de cujas discussões este ensaio é fruto.²

Seria a etnometodologia uma metodologia de pesquisa? uma escola? Uma área específica dentro da antropologia? Da sociologia? Da etnografia? Bem, o que tem ficado evidente é que a etnometodologia é uma abordagem de análise da realidade que estuda, sobretudo, os etnométodos, ou seja, os métodos que os membros de uma determinada formação social utilizam para descrever, para pôr em ação, para realização de suas atividades práticas, de forma que, como diz GARFINKEL (1984),

considerado o principal idealizador dessa abordagem, "a etno metodologia será a ciência dos métodos dos membros" (apud

LECERF, 1985).

A etnometodologia se propõe a tratar as atividades práticas, as circunstâncias práticas e o raciocínio sociológico prático dos atores de uma cena social como "topics" de estudo, sendo ela mesma, como

observa COULON (1990), considerada uma atividade prática. Os etnometodólogos procuram dar às atividades ordinárias da vida cotidiana a mesma atenção que geralmente é dada aos acontecimentos extraordinários. Eles procuram tratar, portanto, as realizações dos membros de um grupo enquanto "fenômenos de pleno direito", conforme enfatiza GARFINKEL (1984).

A etnometodologia é uma abordagem análise da realidade que estuda os etnométodos.

Para a perspectiva etnometodológica o mundo está constantemente fazendo-se, autoproduzindo-se. O que o pesquisador observa é uma "mise-ensceme" cuja autoprodução é visível, disponível, relatável pelos participantes de um grupo, para ser descrita em seu movimento.

Fundamentada na dramaturgia social de GOFFMAN, no interacionismo simbólico da Escola de Chicago (MEAD, BLUMER), na lingüística ligada à Escola de Viena (com BAR HILLEL), na influência estrutural-funcionalista de PARSONS e na fenomenologia de HUSSERL, SCHUTZ e MERLAUPONTY, a etnometodologia sustenta e demonstra que os membros dos diversos grupos sociais são atores que exercem indutivamente e cotidianamente uma atividade "profana" de analistas das situações sociais. No dizer de LECERF (1985) "todo ator da vida social... conduz a título profano uma atividade de raciocínio por indução e uma atividade de sociólogo". Esses processos acontecem por razões práticas: para agir é necessário analisar as situações nas quais nos envolvemos no cotidiano. Tais análises se constroem e reconstróem incessantemente porque são cotidianamente objeto de confrontação dentro dos diálogos e outras interações que mantemos com o outro. São elas que produzem as "descritibilidades" (accountability).

Grande parte da atividade etnometodológica consiste na observação do conhecimento dos membros, dentro desse papel de "sociólogos profanos", comentando as análises ordinárias que cada um faz de uma situação da vida prática e as relações com ações de outros membros.

Desse modo, os procedimentos que o chamado "sociólogo profissional" realiza em suas pesquisas já estão sendo usados pela "sociologia profana" que todos nós praticamos cotidianamente. Entretanto, os membros de um grupo não são "etnometodólogos profanos", se bem que os etnometodólogos têm absoluta necessidade das análises que eles fazem, porque elas constituem o *corpus* dos estudos que empreendem.

Mas, seria isso um dos paradoxos da etnometodologia? Negar a posição do sociólogo e ao mesmo tempo fazê-lo existir? Acredito que pode ser, uma vez que essa contradição também é vivida pelo sociólogo institucionalista, como fica patente no trabalho de BARBIER (1985). Isso é certo também, se se pensar que um grupo enquanto formação sócio-histórica se constitui instituindo-se. Assim cada momento da vida social cotidiana pode ser considerado como instituído, uma vez que, como diz CASTORIADIS (1992) o social se institui continuamente...

Em um grupo as "aberturas-do-eu" ou "auto-explicações" ou ainda os "allant-de-soi", como dizem os etnometodólogos franceses, são reproduzidos tal qual são enunciados e constituem o material essencial para a "descritibilidade", ou seja, o processo de descrever comen-

tando. É assim que observo uma forte conexão entre a noção de "abertura-do-eu" (allant-de-soi) apresentada pela etnometodologia francesa (COULON, LAPASSADE, QUERE, LECERF...) e essa outra introduzida pela etnometodologia americana (GARFINKEL, CICOUREL, MEHAN...) sob a denominação de "descritibilidade".

Para LECERF (1985), por exemplo, os "allant-de-soi" são afirmações (ou negações?), feitas pelos membros de um grupo, que o etnometodólogo não tem necessidade de explicitar porque elas "falam por si" (vout-de-soi). Mas são indispensáveis à coerência das informações que são trocadas no grupo. Esse autor chama a atenção para o fato de que, quando essas "auto-explicações" não são verdadeiramente partilhadas com o grupo, o fio da comunicação se rompe.

Em relação à noção de "descritibilidade", ela tem se mostrado, como já foi dito, enquanto uma (re)apresentação do mundo através do descrever comentando as atividades práticas que os atores sociais realizam em suas vidas cotidianas. Porém, os etnometodólogos apresentam algumas observações, que LECERF chama "corretivas" para indexicalizar a "descritibilidade" no *millieux* etnometodológico: (i) o mundo onde a "descritibilidade" mostra uma representação é um universo local, centrado em torno de um grupo limitado de pessoas; (ii) a representação é, em grande parte, implícita, entretanto, ela faz acontecer os "saindo-de-mim" e os "saindo-de-nós"; (iii) a representação é socializada e interativamente negociada entre os membros do grupo.

Existe uma "descritibilidade" grupal que articula as representações entre os membros a partir das "descritibilidades" individuais; e (iv) as "descritibilidades" estão em constante evolução, uma vez que todo e qualquer acontecimento junta-se às representações anteriores, onde as novas significações são suscetíveis de modificar, de maneira importante, as bases dessas representações.

Afinal, qual a origem desse movimento de "descritibilidades"?

A "descritibilidade" não é dada, mas produzida, me responde Garfinkel (1984). *"Mais precisamente, diz, ela é uma realização prática dos atores, in dissociável da auto-organização, ocasional local de suas atividades... Começa com a objetividade do mundo social enquanto produto das atividades práticas dos membros. Com efeito... contínua ele, os fatos sociais são 'performances objetivas'..."* da ação daqueles membros.

A etnometodologia, portanto, confirma a existência efetiva de diferentes grupos sociais, os quais estuda, sendo tudo mais construído a partir deles. A noção de "membro" e do "pertencer social" (appartenance social e) dos membros a este ou àquele grupo social aparece como central para os estudos de caráter etnometodológicos, uma vez que o pertencimento social a um grupo é condição prévia a toda atividade de

descrição e análise das atividades sócio-interativas dos membros e do grupo. As implicações dessa exigência são numerosas, porém, como aponta LECERF, "A mais explicável é aquela que faz referência às 'aberturas do eu' (allant-de-soi)". Isso quer dizer que, se não se conhecem as "auto-explicações" dos membros, não se compreende verdadeiramente o que se diz no grupo e o que o etnometodólogo pode dizer do grupo.

Se a etnometodologia tem como ponto fundante o estudo dos métodos ordinários ou de "senso-comum" através dos quais os membros produzem continuamente o social ao tempo em que são produzidos por ele ao descrever e explicar suas atividades

práticas, é fundamental aqui precisar a noção de membro. Ser membro supõe o acesso e o domínio da "linguagem natural" própria de uma coletividade ou de uma dada organização social; tornar-se "membro éter uma "afiliação institucional" ao curso da qual a aprendizagem

daquela "linguagem natural" se efetiva. Esta aprendizagem não é uma "aculturação" na trajetória da qual aquele que se torne membro, será um receptor passivo; ela implica, ao contrário, em "práticas" reflexivas, em constantes negociações, uma vez que os fatos sociais que resultam da prática dos membros não são "coisas" como dizia Durkheim e sim realizações humanas que são feitas de muitos silêncios e muitas falas,

muitas evidências e muitas ocultações, muitas palavras, poucas palavras, meias palavras e podem ser sempre narráveis, discutíveis, negociáveis, recontáveis.

Ser membro de um grupo é, para o etnometodólogo, ter a oportunidade de: (i) aprender com as "aberturas-do-eu" e as "descritibilidades" deste grupo; (i i) e verificar concretamente por troca de diálogos, por negociação, que não cometeu contra-senso naquela aprendizagem.

No seu, aqui já citado, trabalho "Studies in Ethnomethodology", GARFINKEL insiste não somente na força das resistências de um grupo face a determinados comportamentos de um membro que, de repente, não mais respeita procedimentos negociados, mas insiste também, no fato de que as convenções são, de certo modo, arbitrárias, uma vez que já determinadas. Pergunto, então, como o proceder etnometodológico trata, articula dentro de um grupo social, o determinado, o negociado e o arbitrário?

Encontro preocupações da etnometodologia para esse fenômeno, e é YVES LECERF (1995), mais uma vez, que me ajuda a compreender: "os principais códigos de comunicação em um grupo são, no início, geralmente arbitrários. Sua escolha pode ser negociada. Mas, após esta escolha, uma vez que as realizações práticas comecem a se desenvolver, uma vez que massas importantes de definições locais são construídas sobre essa base, torna-se muito difícil renegociar uma modificação dos códigos fundamentais". Tardias contestações, porém, se manifestam, o grupo percebe então estas tardias

contestações como destruidoras e lhes opõe fortes resistências. São essas resistências que põem em evidência o "breaking", ou seja, que fazem romper o arbitrário, o determinado e até o negociado em sua rigidez de sentido e de significado que são imprimidos pela linguagem.

Talvez a compreensão da "indexicalidade" ajude a esclarecer melhor. O fenômeno da "indexicalização" é outro ponto de inflexão da abordagem etnometodológica. A compreensão de que o sentido e o significado das palavras possam ser múltiplos não é, na história das línguas e de seus dicionários, uma novidade. O fato de que a fala, enquanto "caracterizada pelo livre uso do thesaurus lexical, é criadora de comunicação particularizada", como diz GREIMAS (1976), também não se constitui em novidade. O que encontro de relativamente novo na abordagem etnometodológica é a afirmação do caráter irremediável do processo de tirar do contexto onde ocorrem o sentido e o significado das palavras, expressões, e situações através da "indexicalização".

Segundo LECERF (1985), 'l' irremediabilidade se deve ao fato de que em condições imprevisíveis e de modo indefinidamente repetido, podem aparecer pelo fenômeno da indexicalização sempre significações novas. Nada prova, jamais, que uma lista de significações está completa".

Um léxico enumera formas de palavras em vista das quais ele apresenta definições. Ora, a etnometodologia contesta que possam existir definições objetivas das palavras e expressões, isto

é, definições tendo uma validade independente do contexto onde são usadas. Para essa abordagem um léxico deve, pois, oferecer uma "base local" de definições referindo-se a determinado grupo humano com dimensões limitadas de tempo e espaço.

Para a etnometodologia o "universo local" de cada grupo humano possui, assim, uma "consciência local", "encarnada", que conduz a um tipo particular de representação do mundo que conduz, por sua vez, a falar com um "sentido local" e a recontar as realizações através de uma "lógica local". Dessa maneira, o fenômeno da "indexicalização" se dá por um processo de negociação de significado a partir da minha relação com o mundo e de minha representação do mundo em um universo local. Tal processo põe em evidência aqueles outros, a que já me referi, das "explicações-doeu" no movimento permanente das "*des-crítibilidade*".

A etnometodologia estuda, dessa forma, a maneira peculiar como os membros de um grupo buscam, sentem, vêem e organizam determinadas "rotinas" da realidade social, nas quais estão envolvidos. Esse estudo sobre a organização do conhecimento dos membros a respeito de suas práticas ordinárias é feito através da "análise de conversação" via "linguagem natural" em suas diferentes manifestações e, sobre tudo, através da fala enquanto "parte constituinte do mesmo ambiente sobre o qual se fala" (HAGUETTE, 1992, p.49).

Ao tentar compreender essa dimensão semiótica dos grupos sociais, a etnometodologia faz um esforço para apreender e interpretar

uma dimensão autônoma desses grupos, uma dimensão significativa graças à qual eles existem, carregados de sentidos, para os atores que os compõem, bem como para outros que os observam e analisam.

Em síntese, os etnometodólogos procuram brilhantemente encontrar uma abordagem que dê conta de descrever e compreender de que maneira o ator social dentro de um grupo consegue transcender a si mesmo e juntar-se ao outro; de que maneira ele se integra ou não e vive integradamente ou conflituosamente nesses grupos. En

fim, quais são as "representações" individuais e coletivas, ao mesmo tempo coercitivas e assumidas, que fazem dele um ser social. E só? Se isso é verdade, a partir daí (do e só?) compreendo a dificuldade de compreender essa dimensão das pesquisas sociais - minhas aproximações balbuciantes são a prova disso - bem como encontrar um lugar a partir do qual seria possível analisar fenômenos, processos e fatos eminentemente sociais apenas em termos de "análise de conversação", adaptando o modelo de câmbios e intercâmbios verbais, gestuais etc., interindividuais à dimensão sócio-histórica de fatos, fenômenos e processos da vida cotidiana coletiva sem perspectivas de contribuir para a transformação de situações que se abstrarem indesejáveis, sobretudo pelos próprios grupos.

Não se trata, aqui, de mostrar uma fraqueza da etnometodologia, mas de tentar pôr em evidência a inflexão particular que possivelmente seria preciso dar-lhe, procurando pôr em confronto dois níveis de "realidade": uma

uma "realidade" local, semiótica - se é que posso chamá

Ia assim - tal como resultam das "transcritibilidade" empreendida pelos membros através da língua natural e da construção de conceitos e expressões indexicais que ela supõe; confrontada com a "realidade" também pragmática de todas as outras formas de existência social dos grupos estudados que consideramos como não tendo sido ainda objeto de estudos etnometodológicos e que constituem o "vivido" do todo da sociedade para onde retomam aquelas recontabilidades locais e individuais. Porque a questão que me preocupa não é apenas saber qual a organização topológica de um universo indexical essa organização particular acarreta por via de consequência, uma articulação original que faculte compreender pontos e contrapontos, fios e desafios que informem as necessidades de outras organizações que tenham questões similares; saber também, se e de que maneira a "análise da conversação" de um grupo pode ser, ou é, efetivamente negociada e socializada a fim de contribuir para modificação de situações consideradas, pelo próprio grupo como indesejáveis, ou ditas prejudiciais aos indivíduos e a outros grupos sociais dos quais também fazem parte aqueles indivíduos.

Não estou querendo aqui que a etnometodologia atenda as "generalizações naturalísticas" de STAKE, no sentido crítico apontado por HELLER (1989), quando diz: 'Basta uma folha de uma árvore para lermos nela as propriedades essenciais de todas as folhas pertencentes ao mesmo gênero; mas um homem não pode

jamais representar ou expressar a essência da humanidade" (p.20). Mas, devido à compreensão de vida cotidiana tão enfatizada pela etnometodologia, gostaria de provocar uma abertura de reflexão sobre a cotidianidade, e não "fechar a questão" com o relativo hermetismo em relação à vida e às relações sociais cotidianas, como me parece querer entender a "indiferença etnometodológica".

A heterogeneidade da vida cotidiana está carregada de sonhos, de desejos, de escolhas, de alternativas, geradas na solidão de nossas subjetividades e nas intersubjetividades ocorridas nos diversos grupos sociais dos quais fazemos parte, e as consequências do todo social sobre as escolhas e alternativas que tomamos retomam através de nós e do outro para esses mesmos grupos de forma modificada, ampliada, reduzida, mutilada, enviesada. "A vida cotidiana, diz HELLER (1989) não está 'fora' da história, mas no centro do acontecer histórico: é a verdadeira 'essência' da substância social... A vida cotidiana é a vida do indivíduo. O indivíduo é sempre, simultaneamente, ser particular e ser genérico" (p.20).

Tenho muito a aprender e refletir sobre a vida cotidiana e sobre a etnometodologia, pois a compreensão de uma implica na compreensão da outra. Este saber esparso e fragmentado que apresento necessita estar sempre em (re) construção. De qualquer forma, é prudente tentar seguir os conselhos de HEMY HESS (1985) quando diz: '*~ etnometodologia não existe senão na lei*

tura indexical que é feita... Cada um interpreta a etnometodologia a sua maneira. A obsolescência da noção de legitimidade tem efeitos perversos". Na medida em que todos os sujeitos sociais podem se utilizar da etnometodologia (etnome

etnometodologia: ela está lá onde você a faz), se queremos ser sérios somos obrigados a rever algumas práticas de pesquisa que se dizem de caráter etnometodológicas.

BIBLIOGRAFIA

- BARBIER, René. *A pesquisa-ação na instituição educativa*. Rio de Janeiro, Zahar Editor, 1985.
- CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro, Zahar Editor, 1992.
- CICOUREL, Aron. *Teoria e método em pesquisa de campo*. In: GUIMARAES, A. Zaluar (org.) *Desvendando máscaras ras sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.
- COULON, Alain. *A contribuição da etnometodologia para a pesquisa em educação*. In: Atas do Colóquio Internacional de Língua Francesa. Alencion, 24/26 maio: 1990 (Tradução de Vera Lúcia Bueno Fartes).
- GARFINKEL, Harold. *Study in ethnomethodology*. Cambridge Polity Press, 1984.
- GREIMAS, A. J. *Semiótica e ciências sociais*. São Paulo: Cultrix, 1976.
- GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1992.
- HAGUETTE, Tereza Ma. F. *Metodologias qualitativas na sociologia*. Petrópolis: Vozes, 1992.
- HELLER, Agnès. *O cotidiano e a história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- HESS, Hemy. *Notas para uma história da etnometodologia em Educação*. In: *Educação e intervenção social. Pratiques de information (analyses). Ethnométhodologies*. Edição Université de Paris VIII, 1985 (Tradução Ana Lêda V. Barreto e Maria Dalva M. Costa).
- LECERF, Yves. *Apresentação do tema*. In: *Educação e intervenção social. Pratiques de information (analyses). Ethnométhodologies*. Edição Université de Paris VIII, 1985 (Tradução Ana Lêda V. Barreto e Maria Dalva M. Costa).

NOTA

S

1 *A inspiração da primeira parte desse título me veio de Sônia Kramer em seu brilhante trabalho "Por entre as pedras: arma e sonho na escolas". São Paulo: Ática, 1993. O billan-de-savoir fica por conta deste texto se constituir no que até aqui consegui construir sobre etnometodologia. Fazer um billan-de-savoir é fazer uma (re)construção, um balanço, um inventário da quilo que foi aprendido em uma seqüência de ensino/aprendizagem.*

2 *Apresentada pela Professora Ora.. Terezinha Froes Burnham.*